

AZEVEDO, Edmilson Alves de. *Filosofia, Linguagem e Comunicação (Dois estudos)*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007, 148 p.

O livro de Edmilson Alves de Azevedo, professor na UFPB, trata da relação entre conhecimento e linguagem e demarca o lugar próprio da filosofia da linguagem no pensamento atual. No primeiro estudo, dedicado à mudança de paradigma, linguagem e filosofia são apreciadas ao longo de diversas posições: De Humboldt a Chomsky, passando pelo neopositivismo lógico, Ernst Cassirer e Susanne Langer; o percurso vem dar sustentação à virada lingüística em Jürgen Habermas. O autor cita, ainda, a importante contribuição do transcendentalismo kantiano para a formulação da obra de Karl Otto-Apel e mostra como Gadamer chama a atenção para a estreita referência que a linguagem faz ao pensamento, visivelmente na não-reflexividade da formação de palavras. A linguagem se situa, portanto, como *medium*, não como instrumento externo e descartável após seu uso.

Citando Cassirer (1972), Azevedo lembra que a origem e a natureza da linguagem se confundem com a origem e a natureza do próprio SER. (cf. p. 23) Desde Platão (O Crátilo) e Aristóteles a linguagem constitui-se num problema para a reflexão filosófica, mas é com os modernos que ela toma lugar privilegiado, como função formadora da história e do próprio gênero humano.

Mais recentemente, os neopositivistas e os pragmatistas ocupam lugar de destaque entre as tendências que privilegiam a posição da linguagem na reflexão filosófica, não podendo deixar de citar Heidegger, para quem a linguagem é a própria morada do Ser.

Apel, por sua vez, parte de Peirce e Wittgenstein para escrever *Transformação da Filosofia*, que é seu ajuste de contas com o paradigma que se dispôs a superar. Apel mantém a demarcação implícita em “os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. (WITTGENSTEIN *apud* AZEVEDO, p. 37).

A linguagem considerada, não apenas nos parâmetros do *Lebenswelt* husserliano, mas na linha de uma fenomenologia hermenêutica, tal como em Heidegger e Gadamer, levaria à superação do solipsismo metódico, próprio da filosofia do sujeito e da consciência. Dito em outras palavras, de um só golpe, a transformação da filosofia ou a mudança para o paradigma lingüístico superou o logoscentrismo ocidental, que dominou de

Platão a B. Russel e inseriu a intersubjetividade no quadro categorial da filosofia contemporânea. Isso permite a Azevedo concluir esse seu primeiro estudo, afirmando que “quem participa na argumentação filosófica reconhece já implicitamente como *a priori* da argumentação os pressupostos antes mencionados, e não pode questioná-los sem, por sua vez, por em questão, a competência argumentativa mesma”, (AZEVEDO, 2007, p. 52) sob pena de cair em auto-contradição performativa. Portanto, tal como a filosofia da linguagem foi assim fundamentada, ela se torna capaz de permitir “a fundamentação de uma ética filosófica que favorece a uma ponte entre mundo-da-vida e história”. (p. 53)

Uma apresentação do palco histórico no qual se dá a mudança de paradigmas e a fundamentação de uma nova categoria para se pensar o homem e suas relações em sociedade, tal como se ve neste primeiro estudo, serve de base ao desenvolvimento das considerações sobre o problema da violência, a partir do pensamento de Eric Weil, onde o homem é visto, não mais como ser racional, mas como razoável. E o discurso é visto como a própria expressão da liberdade, que se realiza na história.

No segundo estudo, por conseguinte, o autor trabalha a relação entre filosofia, violência e comunicação, na perspectiva de Eric Weil, que se funda, em última instância, na idéia de liberdade. Azevedo tem o cuidado de elencar, logo no início, quarenta tópicos, que auxiliarão o leitor a construir uma compreensão do conjunto do pensamento filosófico de Weil. São assertivas que situam o homem como ser racional (ou razoável), sujeito de carências, mas também de desejos, capaz de visar o não-ser; animal capaz de linguagem e, até mesmo, de comunicação. Ser que faz e que se faz, que ri e filosofa; que convive com a violência, ameaça perpétua à filosofia e, também, horizonte existencial do indivíduo.

O que pretende Weil – afirma Azevedo – “é compreender a questão do homem a partir de um ponto de vista prático-moral.” (2007, p. 83) Por isso, entende que o homem, ao mesmo tempo que é como os demais seres, deles se distingue, fundamentalmente, pois só ele é capaz de desejos (Eros), só ele é capaz de se impor objetivos. Ele se cria, na medida em que transgride a própria natureza, em busca do não-ser.

Por outro lado, “o filósofo é visto como aquele que pouco entende dos problemas sérios da vida”. Por isso, “o homem comum se recusa a escutar o filósofo e aquilo que ele tem a dizer” – observa Azevedo, ao reconhecer que:

o filósofo deveria ver nessa declaração o reconhecimento de sua própria influência; sem ele e sem seu discurso, o homem que não deseja a filosofia para si mesmo não poderia dizer jamais aquilo que ele vem a dizer, pois estaria imerso na sua vida e essa vida não seria visível para ele.<sup>1</sup>

Nessa perspectiva, é possível entender o que Weil chama de lógica:

A práxis ou *ciência* do diálogo que se aplica no interior de certa comunidade de interesses e que permite aos interlocutores, eliminadas as dificuldades da contradição dos argumentos, mas tendo-a como princípio orientador, construir um discurso que termine por atingir um consenso racional. Melhor seria dizer: razoável. (AZEVEDO, 2007, p. 103).

Ao afirmar que a lógica constitui o discurso como discurso coerente, Edmilson Azevedo busca apresentar o diálogo como domínio da não-violência. A violência, como expressão da irracionalidade, exige o discurso, como decisão do homem e do filósofo. Portanto, a razão inaugura o homem como liberdade – na leitura que Azevedo faz de Weil – a despeito do silêncio e do medo. (cf. 2007, p. 103-4)

Azevedo fala, entretanto, da sacralidade de determinados valores que orientam a vida de uma dada comunidade humana e a mantem coesa. (cf. p. 106) Tais valores, intocáveis, em princípio, são condição de possibilidade da própria existência do indivíduo.

Em contrapartida, esse indivíduo, como ser razoável, realiza sua liberdade na comunidade e, ao fazê-lo, cria o próprio sentido da História, na perspectiva de Kant e Hegel. Do ponto de vista filosófico, vale dizer, o homem se torna responsável pela invenção da própria liberdade, “contra a presença da violência; do ‘mal radical’, a despeito dele mesmo.” (cf. AZEVEDO, 2007, p. 142)

---

<sup>1</sup> WEIL, Eric. *Logique de la Philosophie*. 2 ed.; Librairie Philosophique J. Vrin: Paris, 1967, p. 14 *apud* AZEVEDO, 2007, p. 92)

Uma oportuna citação de Horkheimer sobre Kant demonstra a grande capacidade argumentativa de Azevedo. Ele vê estreita relação entre o pensamento político-filosófico de Eric Weil e a Teoria Crítica de Frankfurt, conforme se observa no texto que segue:

Cada um deve proceder sempre de acordo com um axioma que, segundo a própria convicção, pode aplicar-se à totalidade. Nem Deus nem o Papa formam parte dela, bem ao contrário, segundo o sentido, porém, a sociedade humana, na sua felicidade e não somente a própria nação. (HORKHEIMER, Poder y consciência moral, 1973, p. 196 *apud* AZEVEDO, 2007, p. 132).

Outro aspecto que valoriza a obra é a vasta bibliografia apresentada nos dois estudos.

O texto não é muito extenso, mas nem por isso perde em fecundidade. Um conteúdo de tal substância filosófica, é forçoso admitir, mereceria, para uma segunda edição, que a Editora cuidasse da adequação do título na capa, da inclusão de um sumário e de uma ligeira apresentação de Eric Weil, além da revisão de praxe. A propósito, Eric Weil, é filósofo alemão, nascido em 1904. Recebeu nacionalidade francesa, onde passou sérias privações, após imigrar, como fugitivo do regime nazista. Grande estudioso de Kant e Hegel, tem obras publicadas sobre ética, política e moral, sendo a liberdade seu tema privilegiado. Ao que parece, sua concepção do mundo contemporâneo é bastante excêntrica, mas há ainda estudos muito tímidos sobre sua obra no Brasil. Seu falecimento ocorreu em 1977.

*Prof. Paulo Roberto Andrade de Almeida (UFSJ – São João del-Rei - MG)<sup>2</sup>*  
*Orientador: Prof. Dr. Bento Itamar Borges (UFU)*

Data de registro: 23/04/2009

Data de aceite: 07/05/2009

---

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia e Métodos, recebeu recentemente o título de Mestre, com dissertação sobre Filosofia da Linguagem em Habermas, apresentada ao Programa de Pós-graduação da UFU, sob orientação do Prof. Dr. Bento Itamar Borges.